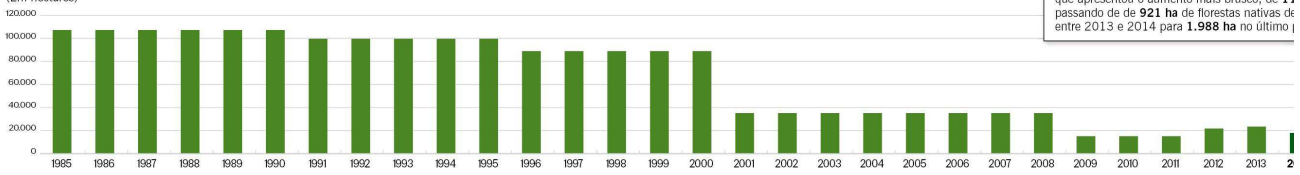


DESMATAMENTO EM TRÊS DÉCADAS

HOJE RESTAM APENAS POUCO MAIS DE 12% DOS CERCA DE 1,3 MILHÃO DE KM2 ORIGINAIS DA MATA ATLÂNTICA NO BRASIL

Taxa de desflorestamento anual do bioma

(Em hectares)



Minas Gerais, Piauí e Bahia lideram a lista de desmatamento entre 2014 e 2015, mas o **PA** que apresentou o aumento mais brusco, de **1,1** passando de **921 ha** de florestas nativas de entre 2013 e 2014 para **1.988 ha** no último j

RANKING DO DESFLORESTAMENTO DE 2014-2015

(Em hectares)

1º	MG	7.702
2º	BA	3.997
3º	PI	2.926
4º	PR	1.988
5º	SC	598
6º	SE	363
7º	MS	263
8º	RS	160
9º	ES	153
10º	PE	136
11º	SP	45
12º	GO	34
13º	RJ	27
14º	RN	23
15º	PB	11
16º	AL	4
17º	CE	3
BRASIL		18.433

No acumulado em 30 anos, o **Rio de Janeiro** é o **5º** estado que mais desmatou, mas nos últimos dois anos passou a ser o **13º**

RANKING EM 30 ANOS

(Em hectares)

1º	PR	456.514
2º	MG	383.637
3º	SC	283.168
4º	SP	187.811
5º	RJ	177.102
6º	BA	159.911
7º	RS	97.994
8º	ES	60.739
9º	MS	50.698
10º	PI	17.843
11º	GO	10.047
12º	SE	1.350
13º	PE	452
14º	AL	173
15º	RN	132
16º	PB	16
17º	CE	8
BRASIL		1.887.596

ÁREAS REMANESCENTES NO PAÍS



Fontes: Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica/Fundação SOS Mata Atlântica e Impe

CESAR BAIMA
cesar.baima@oglobo.com.br

Quando Cabral desembarcou no Brasil, a Mata Atlântica cobria cerca de 1,3 milhão de quilômetros quadrados (km²) do território nacional. Passados mais de cinco séculos, porém, atualmente restam apenas cerca de 163 mil km², ou pouco mais de 12%, da floresta original, o que faz dela o grande bioma mais devastado da História do país. Mas engana-se quem acha que tal destruição ficou num obscuro passado em que não existiam preocupações ambientais. Fazendo valer a máxima de que só se preserva aquilo que se conhece, em 1990 a Fundação SOS Mata Atlântica, com a participação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), produziu o primeiro levantamento das áreas remanescentes do bioma no Brasil e, a partir do ano seguinte, em conjunto com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), passou a monitorar sua taxa de desmatamento, com números retroativos a 1985.

E os resultados foram entristecedores. Então, eram destruídos anualmente mais de 100 mil hectares (ha) de Mata Atlântica. Embora esse ritmo tenha diminuído nos últimos anos, principalmente a partir de 2000, o bioma ainda sofre com a ação humana, como mostra a última edição do Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica, divulgado hoje pela Fundação SOS Mata Atlântica e o Inpe. De acordo com o levantamento, entre 2014 e 2015 foram desmatados mais 18.433 ha, ou 184 km², deste tipo de floresta no país, numa leve alta frente às perdas do período anterior (2013-2014), que chegaram a 18.267 ha.

— A História do Brasil é a história da devastação da Mata Atlântica, com a destruição da floresta para diferentes usos — des-

Uma história de destruição da Mata Atlântica

Relatório expõe danos ao bioma, mas ambientalista diz que ainda há tempo para regeneração

“O poder público não pode cuidar sozinho de criar e fiscalizar todas as áreas de proteção”

Marcia Hirota
Diretora-executiva da Fundação SOS Mata Atlântica

taca Marcia Hirota, diretora-executiva da Fundação SOS Mata Atlântica. — Quando fizemos o primeiro levantamento, em 1990, identificamos que pouco restava do que havia originalmente de Mata Atlântica. Aí, começamos a fazer o monitoramento destas áreas e vimos que elas ainda eram muito desmatadas. E isso foi algo espantoso, já que imaginávamos que o bioma tinha sido destruído nas décadas do passado e constatamos que na verdade isso é um processo contemporâneo.

Segundo os levantamentos produzidos pela fundação e o Inpe com dados dos últimos 30 anos, desde 1985 foram desmatados cerca de 1,9 milhão de hectares de Mata Atlântica no Brasil, ou o equivalente ao mesmo número de campos de futebol

nas dimensões máximas da Fifa (120 x 90 metros). Marcia alerta que as diferentes metodologias, resoluções e áreas incluídas nos estudos feitos no período não permitem afirmar se houve avanço ou recuo na cobertura de floresta nestes 30 anos. Apesar disso, ela considera que mesmo que o desmatamento zero ainda não seja uma realidade, é hora de concentrar esforços na regeneração do bioma.

— A área de cobertura pela floresta possivelmente aumentou em algumas regiões, mas decresceu em outras, então não dá para dizer que houve uma recuperação geral — diz. — De qualquer forma, nosso principal desafio hoje é a regeneração das áreas devastadas, principalmente as que são de preservação permanente,

como as matas ciliares dos rios: proteção dos rios e suas nascentes é fundamental para que tenhamos nosso consumo, algo diretamente ligado com nosso futuro.

PRESERVAÇÃO EM TROCA DE ISI
Assim, Marcia defende mais para que a própria sociedade deste processo, como as chamadas Particulares do Patrimônio (RPPNs), mecanismo pelo qual terras se comprometem a preservar permanentemente partes de suas áreas em troca de isenção do Imposto Rural e outros benefícios

— O poder público não pode zelar por criar e fiscalizar toda a proteção — avalia. — Precisa a sociedade nisso, o cidadão e empresas ajudando no momento deste potencial de conservação, estamos comprometendo ambientais para as futuras gerações.

Por fim, apesar de expressar preocupação quanto ao futuro, ela também está preocupada com os excessos verificados na última edição do mapa da fundação. Entre os mais lamentáveis foi a volta de mais de 7,7 mil ha devastados em 2015. Neste número estão incluídas as áreas destruídas pelo rompimento da barragem da Samarco e Mariana, que responderam por 258 ha de Mata Atlântica por município no ano passado.

— A legislação ambiental para proteger a natureza, a biodiversidade, mas também para garantir a segurança das pessoas para que não sejam vítimas de tragédias como esta — caso de Mariana deve ficar clara para toda sociedade. ●